

INTRODUÇÃO A DUAS ABORDAGENS DA SOCIOLOGIA DISPOSICIONALISTA: A TEORIA DO *HABITUS* PIERRE BOURDIEU E A CRÍTICA DE BERNARD LAHIRE POR MEIO DE SEU MODELO DE “ATOR PLURAL”

Bernardo Fortes¹

Resumo

No presente artigo, por meio de revisão da literatura, realiza-se um panorama conceitual e teórico de dois autores seminais da sociologia das disposições sociais: Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. Será abordado como as duas perspectivas abordam o social incorporado e sua influência sobre a ação dos indivíduos, mostrando-se as diferenças existentes entre as duas perspectivas. Para tal empreendimento, explanaremos, sobretudo, a respeito da noção de *habitus* de Bourdieu e como esta se relaciona com a posição de classe dos indivíduos, fundamental para entender suas ações e gosto, enfim, o que o autor entende por estilo de vida. Por outro lado, veremos também as críticas levantadas por Lahire sobre a teoria bourdieusiana, uma vez que, para esse autor, a teoria do *habitus* enquanto princípio de todas as ações, práticas e gosto dos indivíduos ignora a multiplicidade de princípios de ação, por não enxergar a complexidade das esferas de socialização de diferentes contextos as quais o sujeito está submetido.

Palavras-chave: Ator plural. Disposição social. Habitus. Bourdieu. Lahire.

Introduction to two approaches to dispositionalist sociology: Pierre Bourdieu's theory of *habitus* and Bernard Lahire's critique of his "plural actor" model

Abstract

In this article, through a literature review, we provide a conceptual and theoretical overview of two seminal authors in the sociology of social dispositions: Pierre Bourdieu and Bernard Lahire. It will be discussed how the two perspectives approach the incorporated social and its influence on the actions of individuals, showing the differences between the two perspectives. For this undertaking, we will explain, above all, about Bourdieu's notion of habitus and how it relates to the class position of individuals, fundamental to understanding their actions and taste, in short, what the author understands by lifestyle. On the other hand, we will also see the criticisms raised by Lahire about the Bourdieusian theory, since, for this author, the theory of habitus as a principle of all actions, practices and tastes of individuals ignores the multiplicity of principles of action, as it does not see the

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB). Mestre em Antropologia Pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE), bacharel em Ciências Sociais pela UFPE. Atualmente pesquisa sociologia da cultura com ênfase em gosto e estilo de vida.

complexity of the spheres of socialization in different contexts to which the subject is subjected.

Keywords: Plural actor, Social disposition, Habitus. Bourdieu. Lahire.

Introducción a dos enfoques de la sociología disposicionalista: la teoría del *habitus* de Pierre Bourdieu y la crítica de Bernard Lahire a su modelo de "actor plural"

Resumen

En este artículo, a través de una revisión de la literatura, brindamos una visión conceptual y teórica de dos autores fundamentales en la sociología de las disposiciones sociales: Pierre Bourdieu y Bernard Lahire. Se discutirá cómo las dos perspectivas abordan lo social incorporado y su influencia en las acciones de los individuos, mostrando las diferencias entre las dos perspectivas. Para este emprendimiento, explicaremos, sobre todo, sobre la noción de *habitus* de Bourdieu y cómo se relaciona con la posición de clase de los individuos, fundamental para comprender sus acciones y gustos, en definitiva, lo que el autor entiende por estilo de vida. Por otro lado, también veremos las críticas planteadas por Lahire a la teoría bourdieusiana, ya que, para este autor, la teoría del *habitus* como principio de todas las acciones, prácticas y gustos de los individuos ignora la multiplicidad de principios de acción, como no ve la complejidad de las esferas de socialización en los diferentes contextos a los que está sometido el sujeto.

Palabras claves: Actor plural. Habitus. Disposiciones sociales Bourdieu. Lahire.

Introdução: Lahire e sua proposta de "pensar com e contra Bourdieu"

O presente artigo aborda duas correntes da sociologia disposicionalista, isto é, a sociologia que busca apreender o social incorporado nos indivíduos, durante nossas experiências passadas, e que, apesar de ser pouco acessível à consciência, reverbera em nossas práticas e ações individuais, sendo central para entender nossas ações. No escopo desse trabalho, iremos nos ater em dois autores seminais dessa abordagem, Bourdieu, com sua noção de *habitus*, fruto de seu esforço de síntese que busca superar o clássico que marca as ciências sociais entre subjetivismo e objetivismo (VANDENBERGUE, 2010), de modo, que o sociólogo francês coloca: "A sociologia e a psicologia deveriam juntar esforços" (BOURDIEU, 2001, p. 201), justamente porque o individual seria estruturado pelas condições objetivas da sociedade, repetismo, o aspecto central

dessa abordagem que é o social incorporado. Tal aspecto também é partilhado por Bernard Lahire, por meio de sua tese do ator plural. Contudo, será discutido no artigo, tal corrente apesar de ter nítida inspiração bourdiesiana trás algumas novidades, o que necessariamente não chega a ser um rejeição do pensamento de Bourdieu. Desse modo, Bernard Lahire (2006), ao comentar sobre Wittgenstein – filósofo que alertava aos seus leitores que não esperassem encontrar um caminho fácil às suas ideias – conta que, como “esperado”, o rigor de sua reflexão se refletia em sua vida cotidiana, de modo que o intelectual foi descrito por amigos como uma pessoa ascética e austera. Mas, apesar da aparente homogeneidade das suas práticas, o autor coloca que nem sempre o “rigor intelectual” constituía o seu principal traço: para a surpresa de muitos, inclusive de amigos, o filósofo deleitava-se consumindo bens culturais “fáceis”, como romances policiais e *westerns*, era frequentador assíduo do cinema de “entretenimento” e preferia este a um cinema “autoral”. Mas tal estranhamento não se restringe apenas a Wittgenstein. Sartre, ao declarar que havia passado a assistir televisão com regularidade e a tê-la como fonte de lazer, também causou espanto. De fato, tais práticas rompem com a imagem corrente que temos desses intelectuais, o que leva a especulações sobre o que explicaria essas discrepâncias culturais.

Porém, não são os casos de intelectuais que apresentam práticas culturais “fáceis” ou “vulgares” que espantam Lahire, mas a frequente surpresa das pessoas ao descobrirem tais dissonâncias entre práticas culturais. Para o sociólogo, esse estranhamento explica-se em razão da maneira distorcida através da qual é percebido o processo de socialização dos indivíduos, de modo que revela um modelo implícito do ator individual decorrente da ideia de que existiria uma coerência geral entre todos os comportamentos individuais, ou seja, haveria a transferência generalizada de certas disposições de um universo de prática particular (no caso dos intelectuais em questão, o do trabalho filosófico) em relação a práticas e gostos de diferentes universos. Assim, a forma de se vestir, de decorar uma casa, de se relacionar com amigos ou familiares, as escolhas literárias, acadêmicas ou alimentares, a relação com o corpo etc. seriam todas práticas orientadas pelas mesmas disposições, provenientes de um único universo.

As dissonâncias culturais de intelectuais que, ao mesmo tempo em que são dotados de práticas culturais “legítimas”, também são de práticas “vulgares”, contradizem as noções do senso comum a respeito do “gênio intelectual” e causam espanto. A própria sociologia, na visão de Lahire, também contribuiu para endossar tal perplexidade, sobretudo a sociologia influenciada pelo pensamento de Pierre Bourdieu. Mas Lahire não pretende rechaçar as contribuições legadas por esse autor. Ao anunciar que é preciso “pensar com e contra Pierre Bourdieu” (2002, p 10), sintetiza que, embora seu projeto teórico, em grande medida, seja inspirado pelas ideias bourdieusianas, há a preocupação em superar alguns aspectos que ele identifica como deficitários da obra desse autor, sendo estes justamente relacionados às variações intraindividuais dos atores sociais quanto às suas disposições sociais e às práticas e gostos que estas influenciam. Dessa forma, Lahire escolhe as dissonâncias dos “gênios”, causadoras de tanta surpresa, porque, justamente por isso, elas são um bom exemplo de variações intraindividuais dos atores sociais, resultado da incorporação de disposições sociais múltiplas pelo indivíduo (contrariando a ideia da unicidade do ator). Assim, ao invés de falar de um único princípio disposicional transferível para todos os contextos sociais e práticas do indivíduo, Lahire defende a existência de disposições plurais. Destarte, a fim de melhor compreendermos o projeto teórico de Lahire, iremos fazer um amplo retrospecto da forma com que Bourdieu percebe como a prática dos indivíduos é orientada pelo social e, após, poderemos melhor compreender a releitura crítica que Lahire faz do trabalho de Bourdieu.

A teoria da ação prática bourdieusiana e o habitus como princípio estruturante geral

Segundo Bourdieu (1990), se ele tivesse que aplicar um rótulo para se referir ao seu trabalho teórico, seria o de “construtivismo estruturalista”. Tal definição se dá por sua intenção de superar o que define como “um dos mais funestos pares de conceitos” que dividem as ciências sociais nas abordagens artificialmente antagônicas subjetivismo/objetivismo (1990, p. 151–152). Portanto, ao cunhar o termo “construtivismo estruturalista”, Bourdieu pretende operar uma síntese entre o subjetivismo e o objetivismo, de modo

que as deficiências da primeira perspectiva para compreender o mundo social pudessem ser supridas com o auxílio da segunda e vice-versa. Importante ressaltar que Bourdieu aproxima-se da tradição objetivista, ao reconhecer que não apenas os sistemas simbólicos (linguagem, mito etc.), mas também o mundo social é composto por “estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações” (1990 p. 149). Mas, sobre essas perspectivas, o autor considera que elas “têm de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também (...) a contribuição que eles dão para a construção do mundo social” (1989, p. 139). Assim, a síntese dialética empreendida por Bourdieu entre objetivismo e subjetivismo recupera o papel fundamental que os esquemas de percepção e de apreciação dos agentes têm, uma vez que são o produto de lutas simbólicas entre tais agentes e, por isso, reverberam na própria constituição das estruturas do mundo social. Assim, ao resgatar elementos das teorias da microsociologia, com ênfase na ação dos indivíduos, Bourdieu buscou refletir sobre as estruturas sem cair na tentação de reificar as instituições sociais, isto é, sem percebê-las como se fossem autônomas, dotadas de vida própria.

No entanto, Bourdieu realiza uma incorporação crítica das abordagens que se centram na ação dos indivíduos e em sua capacidade inventiva. Assim, a respeito das abordagens microsociológicas, ele comenta que estas “omitem a questão da construção social dos princípios de construção dessa realidade empregados pelos agentes nesse trabalho de construção” (BOURDIEU, 2001c, p. 212 *apud* PETERS, 2013, p. 50). Desse modo, ao mesmo tempo em que confere importância às ações efetuadas pelo agente, ele também procura capturar quais são suas fontes sociogênicas (como surgem tais práticas e percepções), ressaltando, nesse aspecto, a necessidade de se começar pela análise da configuração objetiva das relações no espaço social e da forma como tais relações se estruturam, pois é em função dessas propriedades e de como elas incidem sobre os agentes que se pode apreender a lógica por trás de suas práticas e percepções. Portanto, o construtivismo de Bourdieu, que nomeia sua teoria da agência dos indivíduos de “estrutural-construtivista”, pode ser finalmente entendido como devido à consideração da ação dos

agentes, mas também levando em conta a gênese social dessas práticas que são reguladas pelo princípio que é o *habitus*. Mas é necessário frisar que a sociedade existe antes dos indivíduos, de modo que a subjetividade é formada através da incidência de circunstâncias sócio-históricas que o indivíduo não define, tais como as oportunidades ou restrições econômicas ou de acesso à educação, estímulos culturais etc., propriedades que são definidas em função de sua posição no espaço social; sendo a partir dessas **coerções** estruturais que os esquemas de ação, classificação e apreciação dos agentes, que constituem o *habitus*, serão modelados.

Trazendo as palavras do próprio Bourdieu, podemos exemplificar como ele concebe a noção de *habitus* como princípio disposicional único e sistemático que norteia e orienta as práticas, gostos e capacidades de classificação e apreciação dos agentes e também suas classificações feitas pelos demais agentes – ainda que eles não tenham consciência desse balizador de suas ações e, menos ainda, que é a partir de experiências de socialização referentes à posição que ocupam no espaço social e suas respectivas propriedades (volume e estrutura dos capitais: econômicos, culturais, sociais e simbólicos) que se forma essa subjetividade e conduta individual:

(...) sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem em nada ser o produto da obediência a alguma regra e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2011, p. 87).

Destacamos também o funcionamento da “mecânica” do *habitus* de maneira mais específica conforme os diferentes *habitus* com relação às respectivas classes sociais, ou seja, o fato de que as diferentes posições ocupadas pelos agentes no espaço social acabam por conformá-los em suas disposições diferentemente, sendo que estas passam a ser o princípio gerador único para todas as práticas dos indivíduos:

Falar do ascetismo aristocrático dos professores ou da pretensão da pequena burguesia não é somente descrever estes grupos por uma de suas propriedades, mesmo que se tratasse da mais importante, mas tentar nomear o princípio gerador de todas as suas propriedades e de todos os seus julgamentos sobre suas propriedades ou as dos outros. Necessidade incorporada, convertida em disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas dessa forma, o *habitus*, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto de práticas de um agente – ou do conjunto dos agentes que são produtos de condições semelhantes – são sistemáticas por serem produto da aplicação de esquemas idênticos – mutuamente convertíveis – e, ao mesmo tempo, sistematicamente distantes das práticas constitutivas de um outro estilo de vida. (BOURDIEU, 2008 p. 163).

Desse modo, por meio do *habitus*, entendemos que nossas práticas e esquemas de apreciação individuais são estruturados de maneira prévia e tácita pelas condições objetivas nas quais estamos inseridos. Partindo dessas considerações, é importante analisar que, se Bourdieu reintroduz a importância das ações e representações individuais, deve-se, todavia, apreender a localização do agente no campo de relações objetivas para assim inferir quais são os móveis internos de sua ação, de modo que o *habitus* que serve como disposição à conduta prática dos indivíduos funciona de maneira pré-reflexiva, ou seja, sem que os indivíduos saibam que seus gostos, práticas, estratégias de ação e esquemas de classificação e apreciação são muito mais fruto da força e da influência social relativas à sua posição no espaço social que propriamente uma manifestação da sua individualidade (PETERS, 2013) (BOURDIEU, 2011).

Dado que diferentes posições no espaço social resultam em diferentes *habitus*, podemos melhor entender como Bourdieu concebe sua noção de classes sociais e como a articula com sua ideia de *habitus*, uma vez que agentes que estão em posições semelhantes no espaço social e expostos a condicionamentos semelhantes “têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses

semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes" (1989, p. 136). Portanto, quando Bourdieu fala em *habitus* e em como este varia, ele também fala em classes e em *habitus* de classes para se referir a agentes que vivenciam situações semelhantes. Consequentemente, é importante reter que, uma vez que o *habitus* varia conforme as diferentes posições ocupadas no espaço social, isso permite a constituição de diferentes "espaços de estilo de vida" (BOURDIEU, 1989, 2008). Logo, essas diferenças permitem a elaboração de uma verdadeira linguagem através da qual os agentes que estão inseridos no mesmo espaço social aprendem a identificar e classificar as diferentes práticas, resultantes dos diferentes *habitus*. Ou seja, as diferenças de práticas entre os agentes permitem-nos apreender tanto as variações que tornam as pessoas e os grupos distintos uns dos outros quanto as semelhanças relativas à proximidade de posições no espaço social, bem como agrupar e distinguir os diferentes grupos de classes conforme as práticas consideradas "vulgares" ou "distintas" a depender de sua raridade ou banalidade (BOURDIEU, 1989, 2008) – o agente social também tem pontos de vista sobre o espaço social e, a partir disso, classifica os demais agentes como "com" ou "sem classe" de acordo com os esquemas de apreciação de seu *habitus* de classe.

Enfim, devido aos diferentes estilos de vida, próprios a cada condição de existência de classe e seu respectivo *habitus*, Wacquant (2013) e Bertonecelo (2009, 2013) enfatizam como, para a teoria bourdieusiana, as classes são percebidas como coletividades sociais constituídas não somente pelas dimensões materiais objetivas e posições ocupadas no processo produtivo, mas também por aspectos culturais e simbólicos que servem de identificação ou exclusão, através do gosto e práticas culturais. Assim, abordagem desse autor confere uma atenção particular para as fronteiras sociais e simbólicas que permitem que as classes sejam percebidas como coletividades sociais, sendo o gosto e as práticas culturais fundamentais para a percepção das fronteiras simbólicas. Em razão disso, Bourdieu (2017 p. 27) coloca que as classes existem como algo por se fazer, em estado latente, contudo, nem por isso as diferenças passam a ser ignoradas pelos agentes.

O ator plural e a sociologia à escala individual de Lahire

Lahire filia-se ao que chama de “tradição disposicionalista” e, segundo o autor, tal corrente teórica “tenta levar em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos atores individuais” (2004, p. 27). Assim, busca-se revelar os princípios, isto é, as disposições que orientam as práticas, ações, sentimentos, gostos e até sonhos do ator individual e que são fruto do passado incorporado, da socialização, de acordo com a visão de Lahire – contudo, veremos que, para ele, a ação não é meramente um desdobramento do passado. O vocabulário por ele utilizado, como “passado incorporado”, “disposições sociais”, “socialização” e “social refratado em um corpo individual” mostra um diálogo com a obra de Bourdieu, mas logo Lahire observa (2005, p.13), a respeito desse vocabulário, sobretudo quanto à noção de disposição, que não é porque estamos habituados a essas expressões que entendemos completamente o que elas são. Da mesma forma, Lahire (2005) coloca que falar, no singular, de uma “fórmula geradora das práticas” e de um “princípio gerador e unificador” das práticas ou condutas pressupõe o mecanismo e o funcionamento dessas disposições *a priori*, isto é, antes mesmo de se efetuar uma investigação empírica que confirme esse caráter único, geral e transponível das disposições. Com essas observações, o autor propõe uma “sociologia à escala individual”, que revela a lógica social da ação do indivíduo, percebendo este como um produto complexo de múltiplos processos de socialização. Contudo, para que isso seja possível, Lahire (2004) põe a necessidade da aplicação de uma rigorosa metodologia de pesquisa, que chama de “retrato sociológico”, a qual visa uma imersão profunda na vida do interlocutor a fim de que o pesquisador possa apreender, com a maior complexidade possível, a trajetória do entrevistado com relação a suas diferentes esferas de atividades (familiar, educacional, lazer, corpo etc.) de maneira sincrônica e diacrônica. Somente após a obtenção de farto conteúdo a respeito das práticas de um indivíduo, nos mais variados domínios de ação, podemos falar de disposições de um modo não mais meramente especulativo, tal qual o pressuposto da unicidade e generalidade de um mesmo esquema disposicional do *habitus*, que, segundo o autor aponta, as investigações empíricas por meio da elaboração de retratos sociológicos vêm a desmentir.

Portanto, a contribuição de Lahire para entender a lógica da ação do ator social substitui o modelo de unicidade do ator, em que se procura apreender qual o princípio gerador das práticas desse ator, pelo modelo do ator plural, marcado pela incorporação de uma multiplicidade de conhecimentos e, por isso, caracterizado pela sua fragmentação interna. O autor identifica o primeiro modelo com a teoria do *habitus* de Bourdieu, em que cada dimensão de um estilo de vida simboliza os demais, pois todos são orquestrados pelo mesmo princípio, com a consequência de que cada um dos domínios de práticas dos atores, como o mobiliário, a linguagem corporal, o vestuário, a alimentação, as práticas esportivas e culturais etc. expressariam o mesmo princípio (AMÂNDIO, 2014) (LAHIRE, 2002, 2013).

Essa unicidade de princípio do *habitus* foi exemplificada anteriormente a partir dos exemplos das classes populares e dominantes. Assim, a propensão para consumir bens culturais relacionados à estética da alta cultura seria máxima entre os que ocupam posições no espaço social cujas condições de existência permitem a incorporação da disposição estética desde tenra idade, em razão da retirada das necessidades materiais primárias; todavia, seria mínima entre os que, presos a urgências materiais mais básicas, não podem realizar os investimentos gratuitos e desinteressados necessários à incorporação da disposição estética ao longo de sua socialização (BOURDIEU, 2008). Portanto, a estetização da vida seria um esquema orientador de todas as práticas de atores sociais da elite, enquanto o laxismo caracterizaria todas as práticas populares. Essas duas classes de *habitus*, assim como outros *habitus* referentes a outras posições no espaço social, são visualizadas por meio de dados estatísticos que mostram a frequência em museus, galerias de arte, leitura de obras legítimas etc., que permitem apreender se há ou não o princípio da estilização da vida a depender da frequência de tais práticas em relação às diferentes frações de classe. Portanto, se Bourdieu retrata um amplo panorama de uma classe mostrando propriedades, opiniões, práticas e gostos estatisticamente mais ligados a uma dada categoria social e que, por isso, caracterizam essa categoria social, percebemos sua nítida filiação a uma macrosociologia.

A crítica de Lahire (2005) aponta que tais retratos são macros (de grupos) e, portanto, distanciados – apesar de úteis, podem mostrar-

se enganosas caricaturas quando tomados como exemplo fiel da realidade e não abstrações ilustrativas (representação de uma classe). Assim, Lahire (2002) diz que muitos sociólogos, tomando tais modelos como fato, acabam por se frustrar diante da realidade desconcertante ao partir para a pesquisa empírica, pois, tal qual intelectuais com dissonâncias culturais, que misturam práticas da alta cultura com a baixa cultura, há operários não qualificados que leem muito, portanto, atores que não correspondem completamente ao retrato apresentado pela estatística do grupo a que pertencem. Em face disso, o sociólogo adverte que, se as amostras analíticas indicam propriedades (atitudes, gostos, opiniões etc.) estatisticamente mais associadas a certo grupo, isso não nos autoriza a deduzir que cada indivíduo que integra um grupo reúne a totalidade das características que o retrato macro mostra (LAHIRE, 2005, p. 36).

Todavia, apesar das críticas, Lahire não invalida as contribuições das elaborações da macrosociologia. Ele próprio ressalta que sua abordagem não questiona a relevância das classes sociais e de outras categorias sociais, muito pelo contrário, pois:

Para compreendermos o social no seu estado dobrado, individualizado, é necessário ter um conhecimento do social no seu estado desdobrado, alargado; ou, dito de outra forma, para dar conta da singularidade de um caso, é necessário compreender os processos gerais de que este caso não é senão um produto complexo (Lahire, 2005, pp. 33).

Com isso, entendemos que a proposta de Lahire de uma sociologia à escala individual, ao contrário do que o nome pode dar a entender, não significa a celebração do indivíduo e sua completa autonomia frente ao social. Na verdade, o autor destaca que seu projeto parte da necessidade histórica de pensar o social em uma sociedade cada vez mais individualizada: a sociologia à escala individual, assim como a bourdieusiana, compartilha da preocupação em demonstrar que a subjetividade dos indivíduos também é social, portanto, para Lahire, o social não se reduz ao coletivo ou geral, pois também se faz presente no indivíduo.

Um aspecto muito ressaltado por Lahire é o fato de que as sociedades contemporâneas tornam-se cada vez mais complexas

e plurais de modo que a questão da unicidade e da pluralidade dos atores está intimamente relacionada a condições históricas. Assim, a unicidade de disposições é própria das sociedades tradicionais, pois estas, por apresentarem baixa demografia, fraca divisão do trabalho, elevada coesão social e pouca diferenciação das esferas de atividades (sendo difícil distinguir com clareza as esferas econômicas, políticas, jurídicas, religiosas etc.), além de sujeitarem os atores que nelas vivem à estabilidade e durabilidade de suas condições, por tais características, geram princípios de socialização em que os atores são dotados de um estoque particularmente homogêneo de esquemas de ação (LAHIRE, 2002, p. 27). Sociedades complexas, porém, têm dimensões demográficas e espaciais muito maiores, heterogeneidade cultural (coexistência, harmoniosa ou não, de ampla variedade de tradições religiosas, étnicas etc.), meios de comunicação de massa, variadas instituições culturais, grande diferenciação da divisão do trabalho e de esferas de atividade.

Em face dessa diferenciação entre sociedades, Lahire afirma que Bourdieu elaborou sua teoria do *habitus* para pensar o contexto da sociedade argelina, marcadamente pré-moderna. Nesse contexto, Bourdieu pensou o *habitus* como “uma disposição permanente e geral diante do mundo e dos outros, o camponês pode continuar camponês mesmo quando não tem a possibilidade de se comportar como camponês” (BOURDIEU, 1964, p. 102 *apud* LAHIRE, 2002, p. 27). Lahire, assim, questiona a transposição de um conceito elaborado para explicar a ação do ator social de uma sociedade camponesa e fracamente diferenciada para pensar sociedades modernas, altamente diferenciadas, que contam com princípios de socialização heterogêneos, muitas vezes concorrentes e até contraditórios.

Vemos que Lahire foca na forma com que estão estruturadas as sociedades complexas para efetuar sua crítica à ideia da unicidade do ator: ele reforça seu argumento comentando sobre as dificuldades que instituições totais (como internatos e ordens religiosas) apresentam, justamente por estarem inseridas em sociedades modernas, de modo que necessitam, para influenciar seus membros, de grandes esforços para neutralizar a influência do mundo exterior e de valores que possam concorrer com o seus, sendo o enclausuramento apenas uma das estratégias. E, com

relação à transmissão do capital cultural em famílias burguesas, Lahire comenta que o processo de inculcação não ocorre de maneira tão garantida quanto a teoria de Bourdieu dá a entender. Ele observa que tal herança somente é possível quando ocorre um trabalho incessante, cotidiano e por vezes cansativo e doloroso tanto para pais quanto para filhos. E essa dificuldade provém da pluralidade de contextos sociais e de seus respectivos repertórios de hábitos, por vezes heterogêneos, que vivenciamos desde os primeiros anos de vida: “é preciso constatar que a experiência da pluralidade dos mundos tem todas as chances, em nossas sociedades ultradiferenciadas, de ser precoce” (LAHIRE, 2002, p. 33).

Assim, tem sido duramente criticada, quando posta à prova pela análise empírica, a imagem amplamente difundida que destaca o peso desmedido da socialização primária na formação dos hábitos de uma criança, sendo o subuniverso familiar responsável por constituir as estruturas cognitivas mais fundamentais e permanentes; e que percebe o percurso do indivíduo como se ele passasse do universo familiar homogêneo para os demais universos heterogêneos já relativamente bem constituído quanto a seus esquemas, hábitos e disposições, não mais sofrendo grandes modificações provenientes desses outros contextos de socialização. Lahire afirma que, já em seus primeiros meses de vida, a criança tem grande probabilidade de passar por universos e atores que irão exigir-lhe comportamentos diversos, e que essas diferenças serão sentidas e internalizadas (na creche espera-se um dado comportamento, na família outro e mesmo entre pai e a mãe, avós e outros familiares, existem diferenças), portanto, desde muito cedo a criança atravessa universos e atores que irão oferecer a ela programas de socialização implícitos que não estarão em completa harmonia com o universo familiar – e, segundo o autor, nem mesmo o universo familiar é homogêneo como se imagina (uma criança com pais pouco afeitos à leitura pode conviver com uma avó que lê para ela cotidianamente e que acaba exercendo maior influência que seus genitores). Ele também destaca que não apenas as experiências iniciais imprimem sua marca, mas a socialização secundária, mesmo em condições socioafetivas diferentes, pode questionar e competir com o monopólio da família quanto à formação de crianças e adolescentes.

Portanto, a heterogeneidade de nossas experiências socializadoras é o principal elemento colocado por Lahire para questionar a ideia de unicidade do ator que traz a teoria do *habitus*. Logo, porque cada homem e cada mulher experimentam, simultaneamente e sucessivamente, diferentes contextos, que exercem sua influência para além da socialização primária; nenhum universo de que participamos é vivido da mesma maneira, uma vez que esses contextos não são sistematicamente coerentes, homogêneos ou estáveis em si mesmos e muito menos totalmente compatíveis entre si, de modo que tais diferenças acabam por exigir e fomentar diferentes disposições e esquemas de ação relativos a cada ambiente em questão.

Sobre os termos empregados por Lahire, como esferas de atividades, universos e, sobretudo, contextos, Vandenberghe (2013, p. 75), define o último como um “conceito guarda-chuva”, isso porque Lahire distancia-se da teoria dos “campos sociais” de Bourdieu: para ele, as diferentes esferas de atividades (contextos) nem sempre se organizam como espaços relativamente autônomos, estruturados por posições entre dominados e dominantes, dotados de regras e interesses bem estabelecidos e que orientam as práticas dos indivíduos engajados em seus respectivos “campos” e os levam a disputar por capitais (propriedades) relevantes conforme os valores específicos de cada campo. Dessa forma, para o autor, nem toda interação social é vivenciada dentro de “campos sociais”, de modo que um encontro casual entre amigos ou a vida familiar são universos que não necessariamente se constituem enquanto “campos”, mas são situações de socialização que irão imprimir sua marca nos indivíduos. O autor destaca que os atores podem transitar de um campo para outro e também assumir diferentes papéis, logo, em certos campos pode-se ser expectador/consumidor ou produtor, mas é importante considerar que o ator pode incorporar diferentes disposições próprias das diferentes situações as quais atravessou. Portanto, Lahire coloca que a teoria dos campos tende a reduzir o ator a seu principal campo, todavia, além de ser difícil definir qual seria o principal campo, a existência de inúmeros indivíduos seria negligenciada, como donas de casa, crianças e tantos outros, que ocupam posições sociais mais marginais e que, por isso, constituem-se mentalmente fora da influência de qualquer campo. A essas

peças a teoria dos campos não se aplicaria, então, como poderíamos explicar suas disposições para agir levando em conta apenas as interações que se dão dentro dos campos sociais? Vejamos:

(...) não se pode reduzir os atores aos seus *habitus* de campo na medida em que suas experiências vão além daquelas que podem viver no âmbito de um campo (sobretudo quando estão fora de campo!). Quando se evoca, por exemplo, o *habitus* literário de um romancista, é possível perguntar-se em que medida este último importa a este sistema de disposições sem toda uma série de situações sociais (principalmente familiares) situadas fora de campo. O conjunto de seus comportamentos sociais – seja qual for o domínio de existência considerado – é redutível à realização concreta desse sistema de disposições? (LAHIRE, 2005, p. 35–36).

Desse modo, porque transitamos por múltiplos universos e campos e estes têm princípios de orientação divergente, ocorrendo divergências também dentro do mesmo contexto, a formação do ator plural é muito mais provável que a do ator guiado pela unicidade (esta última exige condições sócio-históricas muito específicas). Logo, falar em ator plural significa percebê-lo como resultado da incorporação de múltiplos esquemas de ação (sensório-motores, de percepção, avaliação etc.) e de hábitos (pensamentos, de linguagem, de movimento etc.). Portanto, na esteira de toda essa discussão, Lahire argumenta que, mais apropriado que falarmos em um princípio único orientador das nossas práticas (*habitus*), a incorporação de diferentes esquemas de ação faz com que seja mais apropriado falar em estoques ou patrimônios disposicionais. E, porque os atores são plurais quanto a suas disposições, o sociólogo observa que o presente, isto é, o contexto situacional em que a ação dos indivíduos transcorre, acaba exercendo um papel tão relevante quanto o do passado incorporado (por meio das disposições) para a determinação da ação dos indivíduos:

De fato, a questão do peso relativo das experiências passadas e da situação presente para explicar as ações está fundamentalmente ligada à questão da pluralidade interna do ator, também ela correlativa à pluralidade das lógicas de ação nas quais o ator foi levado a se inscrever. Com efeito, se o ator é produto de uma condição familiar homogênea e unívoca de existência *x*, e durante a sua vida encontra apenas situações idênticas ou análogas a *x*,

então passado e presente são um. (...) a articulação passado-presente só toma todo seu sentido quando “passado” (incorporado) e “presente” (contextual) são diferentes, e a articulação torna-se particularmente importante quando os próprios “passado” e “presente” são fundamentalmente plurais e heterogêneos. Se a situação presente não é negligenciável, é, por um lado, porque existe a historicidade que implica que aquilo que foi incorporado não é necessariamente idêntico ou está em relação harmoniosa com o exigido pela situação presente e, por outro lado, porque os envolvidos não são “um”, isto é, não são redutíveis a uma fórmula geradora de suas práticas, a uma lei interna, a um nomos interior? (LAHIRE, 2005, p. 47-48).

A relevância do presente é mais um elemento da crítica de Lahire sobre a teoria bourdieusiana do *habitus*. Assim, ele traz que há duas grandes orientações teóricas sobre a teoria da ação do ator individual. De um lado, as que conferem peso determinante e decisivo ao passado do ator e, de maneira geral, a suas primeiras experiências, de modo que essas experiências passadas estão no princípio de todas as ações futuras – como vimos, a teoria do *habitus* enquadra-se nessa perspectiva. Do outro, os modelos que se centram nos momentos da ação e da interação, sem levar em conta o passado do ator, mas apenas analisando a lógica da ação em si mesma. Vemos, então, que, enquanto a teoria que foca no passado negligencia as características singulares e complexas dos contextos de ação, as teorias centradas na ação focam demasiadamente no presente, ignorando todo o passado incorporado que pode influenciar a ação. Lahire estabelece um diálogo entre esses dois modelos. E, como visto na citação acima, a relevância do presente para explicar a ação individual está fundamentalmente atrelada à pluralidade interna do ator, o que significa reconhecer que os princípios de ação pelos quais o ator foi inscrito durante sua vida são plurais e heterogêneos, bem como, e não menos importante, que o mais provável é que os contextos situacionais presentes, por suas especificidades, estarão sempre exigindo dos atores respostas que dependerão da situação e que, por isso, não obedecem a um único princípio.

Portanto, Lahire critica a teoria do *habitus* de Bourdieu porque, para esta, é como se o ator social sempre estivesse inserido em um espaço social homogêneo que nunca se transforma, uma vez que o *habitus* do ator ajustaria por antecipação as situações pelas quais

o ator vai atravessar, de modo que, de forma “irrefletida” o ator tenderia a escolher vivenciar contextos situacionais que não questionem o princípio lógico de seu *habitus*. Assim, por exemplo, um indivíduo com *habitus* de classe burguês, devido ao princípio da “estilização da vida”, evitaria consumir obras artísticas “fáceis”, como novelas, filmes comerciais ou outros produtos da indústria cultural; enquanto indivíduos das classes populares, por não terem incorporado o princípio da “estilização da vida”, acabariam por evitar obras da cultura legítima, pois não teriam “gosto” para tais obras e, inclusive, se sentiriam desconfortáveis diante delas e, por isso, de forma espontânea, teriam suas práticas culturais inclinadas ao consumo de bens culturais “próprios” ao sistema de disposições de que são dotados. Todavia, a esse respeito, Lahire assevera que:

(...) a propensão dos atores em querer evitar (...) as situações que contrariam muito fortemente e duravelmente seu programa de socialização incorporado, não somente confunde propensão (desejo dos atores) e situações reais (que não permitem sempre tais evitamentos nem deixam verdadeiramente escolhas aos atores), mas esquece a existência de muitas crises polimorfas, que fazem o dia-a-dia dos atores. (LAHIRE, 2005, p.48).

Comparando Lahire e Bourdieu, podemos notar que, para o primeiro, o meio social de origem, embora fundamental, não é percebido como definidor na orquestração das práticas dos indivíduos. Isso porque, para Lahire, as sociedades complexas caracterizam-se por constantes ocasiões de desajustamento entre os hábitos incorporados e as novas situações. Lahire pontua que tais crises de adaptação são frequentes nas sociedades complexas e caracteriza os atores como tencionados por múltiplas tensões e hábitos (provenientes das reflexões das diversas crises de adaptação). Já para Bourdieu, apenas quando ocorrem momentos em que os agentes passam por mudanças muito proeminentes em sua posição de classe (deslocamentos ascendentes ou descendentes) é que tais quebras se tornam mais evidentes e podem estimular os indivíduos a pensar sobre seu *habitus* – tais situações são definidas por Bourdieu (2008) pelo termo de *histeres*, quando há uma quebra na cumplicidade ontológica entre o incorporado (*habitus*) e as condições objetivas do campo. Temos,

portanto, que, para Lahire, uma vez que o indivíduo não tem suas práticas governadas por um único princípio, está sujeito a sofrer variações intraindividuais quanto às disposições que balizam sua ação, a depender de como seu estoque de disposições vai interagir com o contexto da situação. Lahire (2005) coloca que a sociologia, ao estudar a cultura e as artes nas sociedades modernas, hierarquizadas e diferenciadas, frequentemente enfatiza a função de que estas são dotadas de diferenciação quanto à raridade de disposições para consumir as obras consideradas legítimas. A fronteira estabelecida pelo acesso a essas obras de arte legítimas é definida de acordo com as classes sociais, assim, quanto mais afastado do topo da pirâmide social, menores as chances de um indivíduo ser dotado das disposições para acessá-las. Todavia, ao adotar o ponto de vista da escala singular, Lahire demonstra que as fronteiras de classe e seus respectivos consumos de arte não são tão bem estabelecidos quanto se pensava e, assim, que a cultura legítima, pensada como própria das classes e frações dominantes, não está necessariamente restrita a esse universo – e, sobretudo, que os bens culturais “populares” não estão circunscritos às classes dominadas.

Porque Lahire traz a ideia da pluralidade de princípios que se organizam nos indivíduos por meio do estoque de disposições (patrimônio de hábitos ou disposições), é importante reter que é a partir da interação com o contexto da situacional presente que o ator vai “mobilizar” (com maior ou menor consciência) os esquemas de ação incorporados, isto é, o contexto ativa certas disposições, como também pode pôr em estado de vigília outras. Lahire fala, inclusive, que podem existir disposições que, apesar de incorporadas, podem nunca ter sido manifestas porque os contextos experienciados pelo ator nunca foram propícios à sua manifestação. Logo, é importante estabelecer que, para Lahire (2008, p. 58), a prática do ator é indissociável das disposições que ele carrega, mas também do contexto, de modo que, no retrato sociológico de “Paul Ritz” (2004), podemos ver em funcionamento a concepção do autor sobre “patrimônios disposicionais” e a forma como, a depender da interação desse acervo com o contexto social vivido, as disposições vão sendo alternadas sincronicamente e diacronicamente – quando, por exemplo, o ascetismo inculcado no seio familiar durante a infância se faz presente na relação do

entrevistado com os estudos, porém é “adormecido” no que diz respeito ao seu comportamento em sala de aula. Posteriormente, ao longo dessa trajetória, o ascetismo é deixado de lado e volta apenas quando Paul Ritz recebe o estímulo de alguns professores e amigos na faculdade, o que mostra a importância do contexto. Dessa forma, Lahire exemplifica as variações de uma mesma disposição, ao mesmo tempo em que também observa que seu entrevistado tem práticas culturais que se alternam entre bens “fáceis”, os do entretenimento, e os “difíceis”, os legítimos; e que tais variações dependem do domínio de prática observado e dos universos, de modo que Paul Ritz, embora seja originário de uma família burguesa e tenha curso superior, acaba, por influência da esposa ou para conversar com os jovens da igreja em que é pastor, por exemplo, aproximando-se de práticas culturais menos legítimas. Assim, vemos que, para Lahire, a unicidade de princípio é questionada e a transferibilidade de disposições só ocorre quando um dado contexto combina com o princípio de hábitos incorporados no passado, portanto a transferibilidade não é geral, mas relativa. Temos, portanto, que, na visão de Lahire, em comparação com a de Bourdieu, o ator tem maior flexibilidade para mudanças.

Considerações finais

Bourdieu, desse modo, tem uma noção das ações dos indivíduos marcada pela rigidez, uma vez que todas as práticas e gostos dos agentes são harmonizadas, de forma inconsciente, pelo mesmo princípio disposicional, pelo mesmo *habitus* – diretamente atrelado às condições sociais de existência experimentadas pelos indivíduos, isto é, à sua posição social. Assim, indivíduos que vivenciam situações semelhantes também compartilham o mesmo *habitus* e, conseqüentemente, o mesmo estilo de vida, formando coletividades sociais que estabelecem fronteiras simbólicas umas em relação às outras (WACQUANT, 2013). Lahire tem uma noção mais flexível das ações, uma vez que concebe o ator como marcado pela pluralidade de princípios, isto é, dotado de um “patrimônio disposicional” incorporado. Trata-se de uma decorrência de sua visão da socialização, já que, para ele, há uma grande heterogeneidade de contextos de ação social nas sociedades modernas, o que acarreta em um ator plural e não

predeterminado pelo passado incorporado de uma situação de classe que se manterá independentemente de novas situações que indivíduo possa viver.

Muitos trabalhos buscam elaborar um diálogo entre Bourdieu e Lahire, outros, tomar partido entre as diferentes abordagens. Neste artigo nossa pretensão foi modesta, sendo mais relacionada a apresentar essas duas abordagens da disposição social, bem como seus principais conceitos e como cada uma entende a ação dos indivíduos.

Bibliografia

AMÂNDIO, Sofia. **O fio constitutivo da sociologia empírica de Bernard Lahire**. Em: Revista Sociologia, Problemas e Práticas, n. 76, 2014. Pp. 33–49. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/1669>.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Espaço social e poder simbólico**. *In*: Coisas Ditas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. *In*: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 82–121.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BORDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

Bourdieu, P. (2001). **Meditações pascalianas** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Do homem plural ao mundo plural**. Entrevista concedida a Sofia Amândio. *Análise Social*, 202, v. XLVII. 2012a.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 49, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Lahire. *In*. *Cadernos do Sociófilo*. Tradução de Gabriel Peters. Quarto Caderno. Rio de Janeiro, IESP, UERJ, 2013.

PETERS, G. **Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu**. *RBCS*, v. 28, n. 83, 2013.

VANDENBERGHE, F. **A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard**

Vandenbergue, F. (2010). *Teoria social realista: um diálogo franco-britânico* Belo Horizonte: UFMG.

WACQUANT, L. **Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes**. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 96, p. 87-103, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200007>>.